

SOBRE ADOLESCÊNCIA, NARCISISMO E IDEAIS

ADOLESCENCE, NARCISISM AND IDEALS

Vinicius Romagnolli Rodrigues Gomes*

RESUMO: A questão do narcisismo e dos ideais tem fundamental importância no processo adolescente, quando o sujeito assume um novo status frente ao outro e a si próprio. Com a desidealização dos pais e com o luto pela perda destes pais e pela perda narcísica, os adolescentes procuram formar novos objetos pulsionais e se veem numa encruzilhada ao ter que se reposicionar frente às identificações estabelecidas na infância e às referências simbólicas da cultura. O desafio adolescente consiste em integrar e elaborar as marcas do passado, de modo com que possam ser transformadas em um projeto futuro. Neste trabalho, partimos de um levantamento bibliográfico por meio da conceitualização de Freud acerca do narcisismo e do ideal, com o objetivo de pensar o processo adolescente e suas possibilidades no cenário contemporâneo. Assim, tem-se como resultado que a despeito de um cenário social que não favorece a construção de ideais que permitam ir além do presente e que apontem para um futuro, os adolescentes encontram no processo analítico a possibilidade de fazê-lo. Concluindo, portanto, a importância da psicanálise para acompanhar a travessia adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Narcisismo; Ideais.

ABSTRACT: Narcissism and ideals are essentially important within the adolescent process when the subject takes a new stance in coping with oneself and the other. The de-idealization of parents makes them have new pulsing objects and see themselves within a crossroad since they have to re-face identification established during childhood and culture's symbolical references. The adolescent's challenge is the integration and elaboration of the marks of the past so that they may be transformed into a future project. Freud deals with narcissism and the ideal to analyze the adolescence process and its possibility within the contemporary scene. Results show that, despite the social scene which fails to favor the construction of ideals that go beyond the present and indicate the future, adolescents perceive within an analytic process the possibility of doing it. Psychoanalysis is therefore important to follow the adolescent trajectory.

KEY WORDS: Adolescence; Narcissism; Ideals.

INTRODUÇÃO

Em minha formação em psicanálise, deparei-me com o eixo temático do narcisismo, o qual se mostrou uma discussão fundamental, tendo em vista não só minha prática clínica, mas também minha formação política. Como bem disse Lacan (2008), o inconsciente é a política, afinal, é no laço social que nos constituímos, atravessados por discursos pelos quais nos é transmitida a herança cultural no campo da linguagem.

Por sermos falantes, somos sujeitos políticos. Talvez por essa relação estreita entre discurso e política, tenha sido particularmente difícil escrever neste terceiro ano de formação. Confesso que em meio ao tempo sombrio em que vivemos, muitas vezes me faltaram palavras. Questionei, entre tanto ódio e truculência, a ideia freudiana (discutida em *Psicologia das Massas* [1921]²/(2010a) de que só o amor poderia nos fazer superar nossos narcisismos individuais em

* Doutorando em Psicologia na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP); Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá (PR). Brasil.

* Ano de publicação original da obra.

favor do coletivo; ou ainda, que o amor atuaria como fator de civilização ao fazer a transposição do egoísmo³ para o altruísmo: “É preciso amar, para não adoecer”. Essa ideia ficou ecoando em minha rotina e me fez lembrar da frase de Clarice Lispector: “Todos os dias quando acordo, vou correndo tirar a poeira da palavra ‘amor’”⁴.

Da mesma forma, recordei-me do primeiro texto da formação neste ano: “Escrever a clínica, por quê?”, de Rúbia Delorenzo (2007). A autora nos lembra que a escrita em psicanálise é uma aposta na linguagem e na transmissão a qual nos submetemos por conta de experiências decorrentes do excesso ou de vivências do nada. Rer ler esse texto me inspirou a escrever este trabalho. Nos dizeres de Delorenzo, os efeitos da análise nos sacodem, nos desalojam e nos modificam; e é partindo disso, que buscamos nos aproximar com a escrita. Este texto é, portanto, um esforço nesse sentido, postulado em um ano em que propus a estudar no doutorado a importância da transmissão.

Freud (2010a) falou do risco em fazermos concessões à pusilanimidade e, conseqüentemente, nos valer-mos de eufemismos para falar sobre a psicanálise. Assim, cedemos nas palavras e aos poucos, cedemos na coisa toda. Portanto, espero que nós, psicanalistas, não nos esqueçamos da recomendação de Freud, e que paguemos nosso tributo a ele e a nossos pares a partir da transmissão e escrita da clínica. A formação em psicanálise não permite que nos paralisemos em um individualismo estéril; ao contrário, ela nos oferece uma sustentação teórica e narcísica para avançar em nossas indagações.

Feito este preâmbulo, voltemos nossa atenção para o tema do narcisismo. Como ele se articula com e na obra freudiana? Em meu trabalho clínico, tenho acompanhado, sobretudo, adolescentes; logo, foi inevitável articular as leituras e discussões deste ano com o processo adolescente. O narcisismo pode ser pensado como uma equação intersubjetiva pela qual nos colocamos diante do outro, algo que envolve uma espécie de cálculo que fazemos sobre como nos colocar e como compor uma imagem para ser visto ou reconhecido de acordo com meu desejo, o desejo do outro e os ideais culturais (DUNKER, 2017). O adolescente está particularmente suscetível a esses ideais.

Se retomarmos o mito grego de Ovídio sobre Narciso, veremos que ele está atraído por sua imagem, mas não a reconhece como sendo sua, precisando de outros por meio dos quais possa confirmar sua imagem atraente. Há um enigma em torno da própria imagem para descobrir as condições pelas quais ele foi amado um dia e pelas quais ele poderá voltar a ser amado (DUNKER, 2017). Doravante, tentarei discorrer sobre tais questões, promovendo um resgate do conceito de narcisismo a partir de uma revisão bibliográfica da obra de Freud, articulando-o à adolescência com o objetivo de pensar o processo adolescente e suas possibilidades no cenário contemporâneo.

2 MÉTODO EM PSICANÁLISE

Compreender os conceitos psicanalíticos a fim de revisá-los, é imprescindível à prática clínica, desde que estes sejam pensados também a partir do contexto no qual se inserem. O próprio Freud foi quem partiu de sua prática clínica para fundamentar sua teoria e técnica, a resultar, perante o feito, na experiência analítica como carga tributária da pesquisa em psicanálise (AGUIAR, 2005).

Neste trabalho, optamos por uma revisão bibliográfica mediada pela lente da psicanálise, na qual o processo adolescente é compreendido a partir das noções de narcisismo e ideal, com o objetivo de pensar a adolescência e suas possibilidades no cenário contemporâneo.

³ Freud define o narcisismo como “complemento libidinal do egoísmo”, afinal somos egoístas e interesseiros por natureza (GOLDENBERG, 2014).

⁴ Aqui cabe uma ressalva apontada por Kehl (2002), de que o amor pode ter uma faceta cruel quando tomado de modo a submeter o outro e fazer dele um espelho, coisa minha e objeto de meu gozo; amar como a mim implica aniquilar a alteridade e fazer do próximo um idêntico e não um semelhante na diferença. Lembro ainda que Narciso morre pelo olhar, pois ali onde supõe um outro vê a si mesmo.

3 UMA REVISÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO

“O eu é um outro”

(Rimbaud)

“Quando eu digo te amo, estou me amando em você”

(Clarice Lispector)

O conceito psicanalítico do “narcisismo” foi cunhado por Freud em um momento de muita discórdia com os até então discípulos Adler e Jung. Um dos principais motivos que levou Freud a escrever *Introdução ao narcisismo* [1914]/(2010b) foi responder à crítica feita por Jung com relação à prevalência do fator sexual para explicar o funcionamento psíquico. A construção do conceito de narcisismo subverteu a primeira teoria das pulsões, pois o eu, visto até então como instância deslibidinizada, passou a ser um objeto de investimento libidinal, deixando de ser uma instância neutra no conflito psíquico. Desta forma, o conflito psíquico que antes era caracterizado pela oposição entre pulsões sexuais (inconscientes) e o eu (consciente), passa a ser reformulado, admitindo a existência de uma libido do eu simultaneamente a libido do objeto (MIGUELEZ, 2007).

No texto de 1914, Freud define “narcisismo” como o comportamento mediante o qual um indivíduo trata seu próprio corpo de maneira semelhante a como se costuma tratar o corpo de um objeto sexual. Em seus estudos, Freud nos mostra que tal investimento sexual no próprio corpo não se encontra apenas na psicopatologia, mas também no desenvolvimento normal de todo indivíduo. Freud estuda os fenômenos narcísicos, em especial, por três vias, a saber: através da psicose, da doença orgânica (hipocondria) e da vida amorosa⁵.

Com relação à psicose, sobretudo na esquizofrenia, Freud nos mostra que “a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao “eu”, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo” (FREUD, 2010a, p. 16). Assim sendo, a libido se refugia na megalomania do delírio de grandeza. Esse delírio, de acordo com Freud, é resultado da extensão de um estado que já existia previamente: “o narcisismo primário”, uma herança do ideal narcísico dos pais, no qual o sujeito toma seu corpo como sendo ao mesmo tempo fonte e objeto da libido. Este período é caracterizado pela indiferenciação total entre o “eu” (submetido e confundido com o “id”) e a realidade exterior, tal como acontece na vida intrauterina, sendo que do ponto de vista do bebê, a mãe é encarada como um prolongamento (GOMES, 2021).

No delírio de grandeza do esquizofrênico, Freud encontra características semelhantes àsquelas que tinha descoberto no pensamento primitivo da criança, tais como a onipotência de pensamento, a magia e a megalomania. Nesse sentido, postula, na criança, a existência de um investimento originário do “eu” (narcisismo primário), no qual uma parte será cedida posteriormente aos objetos; ou seja, dirigida às pessoas do mundo exterior. Tal investimento do eu persiste durante toda a vida “relacionando-se aos investimentos de objeto, como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (FREUD, 2010b, p.17). Ao opor uma libido do “eu” a uma libido do objeto, Freud estabelece um balanço entre duas direções de investimento, considerando que quanto mais se emprega uma, mais empobrecida fica a outra.

Apesar de considerar o exame da psicose como a principal via de acesso para o estudo dos fenômenos narcísicos, Freud (2010b) busca outras formas de fazê-lo, abordando a doença orgânica e a vida amorosa. Na doença

⁵ Comumente associado ao exibicionismo, o narcisismo precisa, no entanto, ser diferenciado deste. O exibicionismo remete a uma satisfação condicionada ao olhar do outro, algo presente e constituinte do humano, pois como sabemos, em psicanálise o olhar do outro funda o sujeito. A questão se torna problemática quando tal satisfação vira um fim em si mesmo, substituindo e descartando o encontro com o outro que passa a ser visto como um acessório dispensável (DUNKER, 2017).

orgânica, o exemplo dado é o do indivíduo que, ao sofrer uma dor orgânica, retira seu interesse do mundo exterior e de seus objetos de amor num retraimento narcísico. O hipocondríaco, segundo Freud, faz exatamente esse movimento, concentrando o interesse e a libido do mundo exterior no órgão que o preocupa e o faz sofrer. No que diz respeito à vida amorosa, ele nos mostra que os investimentos libidinais são fundados no narcisismo.

Freud (2010b) aponta que as primeiras satisfações sexuais da criança são vividas em relação ao exercício das funções vitais nas quais se apoiam (ser alimentada, receber cuidados) – e que, mais tarde, esse apoio continua a ser visto no fato de que as pessoas que cuidaram e alimentaram a criança se tornam seus primeiros objetos sexuais. O autor denomina de “escolha de objeto por apoio” esse tipo de escolha objetal, sustentado nas primeiras escolhas de objeto na infância. Contudo, ele também observou casos em que ao invés do sujeito escolher objetos amorosos de sua vida, escolhia a si mesmo; trata-se da “escolha objetal narcísista”. Vale destacar que um tipo de escolha não exclui a outra, e que a escolha objetal narcísista está sempre presente.

Deste modo, se por um lado o narcisismo primário seria um estágio saudável e necessário ao desenvolvimento da libido, por outro, o retorno a ele poderia indicar a existência de processos patogênicos no psiquismo. Freud (2010b) compara esse estágio àquele observado nos povos primitivos e nas crianças, caracterizado pela “onipotência dos pensamentos”, a qual revelaria a predominância da atividade inconsciente e seria compatível com a crença de que seus desejos possuiriam um poder mágico de realização. O autor concebe que a onipotência característica do “narcisismo primário” indica a predominância dos processos primários sobre os secundários, caracterizando a regressão psíquica (GOMES, 2021).

258

Tal regressão pode ser utilizada para os propósitos de manutenção da vida e do equilíbrio psíquico como, por exemplo, em uma doença, quando a libido se volta para o órgão atingido na tentativa de recuperá-lo. No entanto, a fixação na posição libidinal narcísica impediria o desenvolvimento do *eu* e se constituiria em sinal de patologia presente ou futura. Nesse sentido, o desenvolvimento do *eu* implica um processo de distanciamento do “narcisismo primário” (NASCIMENTO, 2011).

Para que ocorra tal distanciamento do “narcisismo primário”, a libido originalmente depositada no “eu”, precisa ser investida. A partir dele, em particular nos objetos, ocorre uma espécie de refluxo da libido, a qual, após ter investido e ocupado objetos externos, sofre um desinvestimento libidinal quase sempre por fortes decepções com tais objetos, retornando, assim, ao seu lugar original – o próprio “eu”. A este processo, Freud denomina de “narcisismo secundário”, que seria o retorno dos investimentos do objeto ao “eu”; “o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (FREUD, 2010b, p.16). A definição freudiana de “narcisismo secundário”, tido como um estado resultante do redirecionamento da libido depositada no mundo externo (objetos e ideais) de volta ao *eu*, mostra não apenas uma retirada da libido dos objetos e do mundo exterior para o *eu*, mas um retorno a ele (GOMES, 2021).

A distinção entre narcisismo primário e secundário trouxe problemas para a compreensão da teoria freudiana, tendo em vista o fato de muitos terem sido levados ao entendimento de que estes modos de investimento fossem etapas sucessivas, com uma substituindo a outra. No entanto, Freud (2010b) fala da mobilidade da libido, opondo-se à ideia de etapas que são superadas. Nesse sentido, o desenvolvimento saudável do psiquismo teria como pré-requisito a metabolização do “narcisismo primário” no investimento libidinal de objeto e nos ideais culturais, o que não implica na superação dessa modalidade de investimento (GOMES, 2021).

Freud [1905]/(1996) apontou que a sexualidade humana é concluída na puberdade, quando a pulsão sexual inicialmente autoerótica passa a buscar um objeto e se coloca a serviço da função reprodutora. Dessa forma, o indiví-

duo retira a libido dos antigos objetos de amor e passa a buscar novos objetos. Diante disso, vemos que o desenvolvimento do “eu” pressupõe sua capacidade de diferenciar-se e de amar, sendo que aos poucos, o “eu” adquire um grau de diferenciação em relação ao objeto e ao mundo externo; e simultaneamente, dispõe de certa quantidade de libido para direcioná-la aos objetos e ideais.

O “narcisismo”, enquanto etapa do desenvolvimento, seria responsável pela libidinização do “eu”; ou seja, responsável por constituí-lo como unidade digna de receber amor. Deste modo, o “eu” se constitui a partir do “narcisismo”, e é por meio dessa “matriz libidinal” que a libido poderá ser direcionada aos objetos e aos ideais do mundo externo (MARCELLI, 2009). Para Freud,

Atribuimos ao indivíduo um progresso quando passa do narcisismo ao amor objetal. Mas não acreditamos que toda a libido do eu passe para os objetos. Determinada quantidade de libido permanece sempre junto ao eu, certa medida de narcisismo persiste mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido. O Eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual ela retorna, proveniente dos objetos. A libido objetal foi inicialmente libido do eu e pode ser outra vez convertida em tal (FREUD, 2010b, p. 17).

Cabe aqui, no entanto, um adendo. Se em 1914, Freud postula o “eu” como o grande reservatório da libido, no texto *O eu e o id* [1923]/(2011), ele propõe o “id” como portador de toda a libido em razão da fragilidade egóica no início da organização psíquica. Desta forma, o “id” emitiria investimentos pulsionais sobre os objetos externos, ao passo que o “eu”, adquirindo força e amplitude, tomaria o lugar dos objetos, retomando parte da libido que retinham. Essa hipótese faria do narcisismo do “eu”, um narcisismo secundário, tirado dos objetos (GOMES, 2021).

Com essa mudança, Freud parece designar o narcisismo primário como um estado anterior à constituição do “eu”, suprimindo a distinção entre narcisismo e autoerotismo. Apesar de prevalecer no pensamento psicanalítico atual, essa passagem recebeu críticas de autores que postulam um estado anobjetal, bem como de autores que defendem a existência de relações de objeto desde o início da vida (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

3.2 ADOLESCÊNCIA E NARCISISMO

A questão do narcisismo é de fundamental importância para pensarmos a adolescência, pois neste momento há um embaraço nos conflitos entre dependência e autonomia, entre família e universo social (PRIOSTE, 2016). Além disso, a trama edípica ressurgiu exigindo o abandono do objeto de desejo interdito para investir em novos objetos. O adolescente revive, portanto, dois conflitos básicos; o conflito de separação/perda do objeto e o conflito edípico, ambos já experimentados na infância e que retornam de maneira aguda nesse período, dada a intensa mobilização pulsional (MARCELLI, 2009).

O ressurgimento de aspectos arcaicos que remetem à questão narcísica, bem como o crescimento do corpo cedendo lugar ao envelhecimento do mesmo, levam os adolescentes a vivenciarem sua finitude, abalando intensamente suas bases narcísicas (PINHEIRO, 2001). Essa fragilidade narcísica característica da adolescência, é imprescindível, pois o desligamento gradual do “narcisismo” será a chave para abertura da via à subjetivação, levando o adolescente a deslocar-se do referencial parental e investir em novas referências (SAVIETTO, 2010).

Não há dúvida que esse processo é árduo, afinal, há muita resistência em se abandonar o “eu narcísico”. Além disso, desinvestir as figuras parentais libidinalmente e superar o Édipo não são tarefas fáceis para o adolescente, em função da importância e complexidade que marcam a relação com o objeto a ser abandonado. Portanto, o desafio

adolescente consiste em integrar e ressignificar as marcas do passado de modo que possam se transformar em um projeto futuro; um projeto de uma nova imagem, incompleta e fragmentada, mas que permite o vir a ser do sujeito (GOMES, 2020).

A autoimagem não é algo autoengendrado, a representação que fazemos de nós e nosso “eu” nasce de fora para dentro e depende desse lugar que vem do outro e que nos constitui. Santi (2016) argumenta que não somos capazes de nos conhecer sozinhos e precisamos de amigos e inimigos que nos ajudem a entender quem somos. Quando incorporamos uma imagem e sabemos o que somos, isso traz consistência subjetiva. Adolescência é uma crise nesse sentido, pois traz insegurança em relação a quem se é. O adolescente precisa reassegurar-se o tempo todo de quem ele é e se remete a outro que na atualidade não é só o outro humano, mas o virtual, o outro da mídia social (SANTI, 2016).

Podemos dizer que a adolescência representa um ataque violento ao “narcisismo”, travando uma luta acirrada com o outro entre o que é da ordem da dependência, e o que é da ordem da autonomia. Além disso, os pais, anteriormente vistos como fonte de segurança e referência, passam a ser percebidos como pessoas desidealizadas, e isso leva a uma ruptura com a identidade familiar. Esse desligamento da autoridade parental, a ressignificação da relação com as figuras parentais e a superação do modo primário de relação objetal, demandam um trabalho de luto – condição fundamental para o investimento em novos objetos que poderão suprir a falta dos objetos perdidos e, do mesmo modo, adquirir uma nova condição psíquica (MATHEUS, 2002).

A nova imagem do adolescente implica na morte da imagem anterior, cultuada pelo narcisismo dos pais. Essa perda exige um luto que procura, de algum modo, suprir a ausência da imagem do “narcisismo primário”. O luto decorre da busca por suprir uma falta; uma busca realizada de maneira distinta, pela qual é marcada a singularidade do processo adolescente, uma vez que cada indivíduo irá fazê-lo com base em suas diversas experiências (MATHEUS, 2002).

Para Cardoso (2001), o processo de luto só será efetivado com o ingresso de um terceiro na relação dual mãe/bebê, que permitirá a abertura ao novo e possibilitará a apropriação efetiva de si. Martins (2009) aponta que a mãe ou quem cumpre a função materna, torna-se o primeiro objeto de amor da criança, bem como sua primeira proteção contra a angústia. Essa relação dual e narcísica envolve um ser onipotente (mãe) que protege o outro ser (criança), sustentando a ilusão de proteção absoluta e se configurando como objeto idealizado de amor. No entanto, a mãe deve dirigir seus desejos a outros objetos para além da criança, permitindo a entrada de um outro em cena (pai), e promovendo um limite nessa relação dual, no qual, ao mesmo tempo que priva a criança de ter sua mãe, priva a mãe do objeto de seu desejo.

A castração instaura uma falta fundamental no sujeito, pois nem a criança, tampouco a mãe, são completas. Assim, a lei instituída pelo pai (ou quem cumpre a função paterna) é o momento de acesso ao simbólico, pois a criança pode, a partir dessa operação, empreender um controle sobre o objeto perdido. Diante disso, vemos que é a mãe quem exerce a função de proteção contra os perigos experimentados pelo desamparo original, e que possibilita a abertura da criança para um mundo organizado simbolicamente (GOMES, 2021).

Assim sendo, se a mãe desempenha sua função satisfatoriamente, faz com que a criança (imersa na ilusão de onipotência característica do narcisismo primário), passe por um processo de desilusão, que permite a descoberta do desamparo como experiência tolerável. Nesse sentido, é necessário que o objeto idealizado de amor seja dado como perdido, para que se possa tolerar a condição de finitude e solidão (MENEZES, 2012). Na adolescência, há a intensificação da angústia de separação e castração. Se o jovem não internalizou os objetos de maneira criativa, terá dificuldades em lidar com essas angústias.

Pode-se dizer, portanto, que é somente a partir da elaboração do “narcisismo primário” – enquanto modo de funcionamento – que a alteridade pode ser reconhecida como tal, e os limites entre o “eu” e o outro podem ser estabelecidos pelos adolescentes. Caso contrário, o indivíduo fica fixado no modo de relação narcísica, tendendo a manter uma relação indiferenciada com o objeto, permanecendo aprisionado ao seu domínio. Este aprisionamento à lógica do “narcisismo primário”, faz com que tudo aquilo que se refere ao investimento libidinal e às relações objetais, tornem-se mais conflituosos e difíceis. O encontro com o objeto tenderá sempre ao encontro com o objeto único, tornando impossível o encontro com outro objeto, o que impossibilitaria também o sujeito de perder o objeto inicial através de um processo de luto (CARDOSO, 2001).

3.4 ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DOS IDEAIS

Na adolescência, o sujeito assume um novo *status* frente ao outro e a si próprio. É nesta etapa que os pais são ressignificados como objetos sexuais, e se processa um luto tanto pela perda dos mesmos, quanto pela perda narcísica. Buscando formar novos objetos pulsionais, os adolescentes se veem numa encruzilhada ao ter que se reposicionar frente às identificações estabelecidas na infância e às referências simbólicas da cultura⁶, que serão responsáveis pela formação de novos investimentos pulsionais (BERTOL; SOUZA, 2010).

Freud (2010b) observou que as manifestações de megalomania relacionadas ao narcisismo infantil, perdiam sua força. Mediante isso, questiona o destino da libido do “eu” nesse caso, apontando que tais manifestações foram totalmente convertidas em investimentos objetais, lançando mão dos conceitos de “eu ideal” e “ideal de eu” para justificar-se. A noção de “eu ideal”, designa o estado narcísico de onipotência infantil, no qual o funcionamento do psiquismo durante o “narcisismo primário” se pauta (MATHEUS, 2002). O “eu ideal” seria o outro especular do “eu narcísico”, marcado pela onipotência e ilusão de unicidade, que funciona como referência de um “eu” completo. Neste modo de funcionamento, aquilo que o sujeito projeta frente a ele como seu ideal, é o substituto do que em sua infância era o “eu” real. O “eu ideal” como perfeição narcísica primordial, guarda as marcas a partir das quais se constituirá o “ideal de eu”.

O “ideal de eu” emerge do “eu” narcisicamente onipotente, e pode ser considerado o herdeiro do “narcisismo original” quando o eu infantil e onipotente se basta e vai percebendo aos poucos suas limitações e dependências do meio. O “ideal de eu” é projetado nos pais e somado às expectativas destes, configurando-se como um importante fator estruturante do psiquismo, tanto nos primeiros movimentos identificatórios, como no projeto de um “vir a ser”. À vista disso, podemos entender o “ideal de eu” como oriundo do universo intersubjetivo e da diferenciação que o “eu” estabelece frente ao ideal (MATHEUS, 2002). Aqui é importante lembrar que as noções de “eu ideal” e “ideal de eu” não remetem a fases a serem superadas e substituídas, pois o “eu ideal” permanece transformado no adulto, quando este consegue aproximar-se de seu “ideal de eu”.

Fazer menção ao conceito de “ideal de eu” na obra de Freud, remete necessariamente ao texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), no qual o autor levanta questionamentos sobre o que acontece com o amor desmesurado por si mesmo, que caracteriza o “narcisismo primário” da criança quando a mesma se torna adulta e se depara com as frustrações do mundo exterior. Freud irá nos apontar que o ser humano não dispensa o desejo de perfeição narcísica de sua infância, e este não desaparece, sendo substituído pela constituição de uma instância psíquica que ele denomina

⁶ Edler (2017) considera a cultura contemporânea uma cultura narcísica, tendo em vista as exigências performáticas e de desempenho, bem como um apelo para que o sujeito surpreenda, supere as expectativas e permaneça jovem e feliz a fim de não ser rejeitado ou excluído.

inicialmente tanto de “eu ideal” como de “ideal de eu”, noções que irá esclarecer nos anos seguintes (QUINODOZ, 2007). Para Freud:

O indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 2010b, p. 40).

Nesse sentido, vemos que as vivências de satisfação que a criança atinge não são facilmente abandonadas; e que a tendência das mesmas é buscar reproduzir as experiências que lhes trouxeram satisfação. As figuras parentais são e foram fontes desta satisfação para a criança. Para não ter de abdicar a nenhum de seus objetos internalizados de amor (seu “eu” e os pais), a criança tem como alternativa a formação de um ideal no qual são preservados tanto seu narcisismo, como as figuras parentais enquanto objeto de amor. O que impele a criança a formar um ideal é “a influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio” (FREUD, 2010b, p.42).

Os pais ou responsáveis pela criança a ajudam em sua mediação com o mundo nos primórdios de seu desenvolvimento, enquanto seu “eu” ainda é débil. Tais figuras são responsáveis pela proteção, alimentação e higiene da criança, e são figuras altamente valorizadas por estas. No entanto, à medida que as figuras parentais passam a corrigir as atitudes que consideram inadequadas por parte da criança, esta passa a ter que se adequar às exigências que lhes são impostas, sob o risco de perder o amor a ela dirigido ou sofrer punições (PUERTAS, 2010). A formação de um ideal faz com que o indivíduo meça seus pensamentos e ações, tendo um papel de “consciência moral” presente na origem da repressão, o qual seria “uma corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos” (FREUD, 2010b, p.43).

Vemos aqui a noção de uma instância psíquica com a tarefa de zelar pela satisfação narcísica proveniente do “ideal de eu”. Freud (2010b) alega que essa força que observa, conhece e critica nossas ações, existe no espírito de todos⁷. Em *Psicologia de massas e análise do eu* (2010a), Freud volta a mencionar o “ideal de eu” e suas funções de auto-observação, consciência moral e censura onírica; além de o considerar determinante para a repressão. Por fim, em *O eu e o id* (2011), Freud nomeará essa instância de “supereu”, e falará da manifestação do sentimento de culpa inconsciente que observava em muitos neuróticos na forma de um excesso de autocrítica, atribuindo isso ao “ideal de eu”.

Após essas considerações, podemos afirmar que a constituição do “ideal de eu” está relacionada a não renúncia dos objetos de amor e a incorporação destes em nós mesmos, o que nos permite compreender o “ideal de eu” como herdeiro do complexo de Édipo (FREUD, 2010). O autor nos mostra que ser novamente o seu próprio ideal, é aquilo que todos nós buscamos. Assim, cita o exemplo do enamoramento, o qual “consiste num transbordar da libido do Eu para o objeto e que sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis” (FREUD, 2010a, p. 49). Nesse sentido, afirma que

A pessoa ama, em conformidade com o tipo de escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve. A fórmula paralela à de cima é: aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal e amado (FREUD, 2010a, p.49).

⁷ Para que exista uma instância crítica, note-se, deve existir um padrão em relação ao qual o “eu” é medido. Esse padrão, importado daqueles que nos elogiavam e criticavam quando éramos pequenos, denomina-se ideal de eu “[...] não existe autoestima, apenas heteroestima: o ideal em relação ao qual meço o eu” (GOLDENBERG, 2014, p.72).

Podemos compreender, portanto, que aquilo projetado pelo adulto diante de si como seu “ideal”, nada mais seria que o substituto do narcisismo perdido de sua infância, época na qual ele era seu próprio “ideal”. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (2010b), Freud volta a falar do estado amoroso e examina os pontos em comum entre este e o “ideal de eu”, comparando-os com a atração exercida pelo hipnotizador sobre o hipnotizado, e pelo líder sobre os liderados. Em casos de fascinação amorosa, Freud relata que a idealização do objeto é tamanha a ponto do “eu” se entregar a ele, ou seja, a ponto de o objeto ser colocado no lugar do “ideal de eu”. Diante disso, o autor faz uma distinção entre identificação e estado amoroso, considerando aquela enriquecedora ao “eu”, na medida em que introjeta qualidades do objeto; e este empobrecedor, pois o “eu” entrega-se ao objeto colocando-o no lugar de seu elemento constitutivo mais importante, o “ideal de eu” (GOMES, 2021).

A grande importância dada ao “ideal de eu” por Freud, pode ser explicada pelo fato dele se referir a um sujeito futuro, que ainda não é e existe apenas como promessa, por isso, permite suportar a existência do outro enquanto diferente. Essa diferenciação entre o “eu real” e o “ideal de eu”, se processa no campo do narcisismo do adulto quando se instala a mudança do *eu* em busca de um “ideal”, que reconhece ser diferente de si (MATHEUS, 2002). Posto isso, o funcionamento do psiquismo pautado no “ideal de eu”, oferecerá uma perspectiva de futuro ao sujeito.

Esse modo de funcionamento é oposto e complementar ao funcionamento do “eu ideal”; contudo, ambos são mobilizados de acordo com a condição na qual o sujeito se encontra. Nesse sentido, Matheus (2002) afirma que o eu ideal é a identificação do eu com o valorizado, mas não há futuro, tempo, projeto, já o campo do ideal de eu faz uma promessa para o futuro: não sou, mas posso chegar a sê-lo.

Vemos, portanto, que o funcionamento pautado no “eu ideal” prevê a completude e a onipotência, sugerindo a concepção de apenas duas categorias: o tudo ou nada. Já o “ideal de eu”, opera como um ideal frente ao qual o “eu” se percebe diferente, e a partir disso amplia sua perspectiva temporal para um “eu” que para além de ser ou não ser, pode “vir a ser”. Desse modo, é possível construir um projeto pelo qual seja mediada a distância entre o “eu” e seu ideal.

Frente ao “ideal de eu”, a criança tenta recuperar a perfeição narcísica, mas agora acontece à custa da identificação que procurará diminuir a distância do “eu” com o ideal. O “ideal de eu” estará investido de libido narcísica, mas será construído a partir de valores e exigências presentes nos desejos parentais, os quais refletem o sistema de valores do campo social (MATHEUS, 2002). Assim, o ideal se faria presente tanto em sua faceta individual, como social, podendo ser “o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (FREUD, 2010b, p.50).

Em *O eu e o id* (2011), Freud aponta que o sentimento religioso, a consciência moral individual e os sentimentos sociais são derivados do “ideal de eu” e repousam sobre as identificações com os outros baseados num mesmo ideal. Nesse sentido, podemos entender que o “ideal de eu” se forma a partir dos processos identificatórios. Isso pode ser observado claramente na adolescência, pois o “ideal de eu” (parte da estrutura psíquica em constituição) sofre um intenso processo de ressignificação de suas inscrições, sendo que os significantes que até então prevaleciam são colocados em xeque em função dos novos vínculos identificatórios que são estabelecidos.

Freud pondera que o “ideal de eu” da criança não é formado apenas a partir das identificações com os pais, mas também resulta das proibições parentais que impediriam a realização dos desejos incestuosos. Assim sendo, o “ideal de eu” possui uma “dupla face” em sua relação com o “eu”; por um lado encorajando-o a ser como o pai, mas por outro, impondo-lhe uma proibição de ser como o pai e de fazer tudo o que ele faz (QUINODOZ, 2007). Deste modo, podemos entender o “ideal de eu” como uma formação de compromisso das ambivalências paternas e dos filhos, dos assassinatos mútuos e de seus substitutos, bem como dos ideais narcísicos e sua negação.

Assim, a constituição dos ideais adolescentes ocorre a partir da realização de um ideal parental; porém, tal realização implica na morte do próprio adolescente para preencher o ideal dos pais. O adolescente precisa renegociar a herança parental para seguir sua busca por autonomia, no entanto, o “ideal de eu” só é produzido a partir da marca deixada por tal herança; logo, ele é tanto afirmação quanto negação do ideal parental. Há nesse processo uma busca por outros modelos fora do contexto familiar, que funcionam como alternativas à exclusividade dos ideais parentais, todavia, estes são tomados inevitavelmente a partir do modelo parental previamente construído (MATHEUS, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a essa procura por novos modelos e referenciais que deem sustentação à nova organização psíquica, os adolescentes se lançam na construção de uma nova imagem individual, grupal e social. Além disso, os adolescentes se deparam com duas forças antagônicas; uma que os impulsiona para a vida adulta, e outra que os atrai para os privilégios da vida infantil. Dito de outra forma, os adolescentes tendem a manter os privilégios da infância e reivindicam adquirir os da vida adulta, sem, no entanto, querer arcar com as consequências disso (LEVISKY, 1999).

O processo adolescente é complexo e rico em possibilidades criativas, contudo, não podemos deixar de olhar para as injunções da nossa sociedade narcísica, que a partir de seus ideais, têm dificultado as experiências de alteridade e levado a um incremento do sofrimento daqueles que se sentem insuficientes diante das exigências performativas contemporâneas (EDLER, 2017).

Diante desse cenário, Dunker (2017) aposta na autenticidade e criatividade como antídotos. Para o autor, a análise possibilita entrar em contato com as formações do inconsciente e com o desejo, redutos onde o sujeito pode emergir. Assim sendo, seguimos apostando na psicanálise e nas possibilidades que a escuta analítica oferece aos adolescentes contemporâneos, permitindo revisitar o passado, pensar o presente e apostar num futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de psicanálise**. [Online], São Paulo, v. 39, 26p, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007. Acesso em: 10 jun. 2021.

BERTOL, C. E; SOUZA, M. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 4, pp. 824-839, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FN6V-ZdnYxYbc8F4bnLjFXmn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 jun. 2021.

CARDOSO, M. R. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

DELORENZO, R. Da clínica: duas observações. In: DELORENZO, R. **Neurose obsessiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DUNKER, C. Narcisismo digital. In: DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade**. São Paulo: Ubu, 2017.

EDLER, S. Uma cultura narcísica. In: EDLER, S. **Tempos compulsivos**: a busca desenfreada pelo prazer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 1914-2010b.

FREUD, S. **O eu e o id**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923-2011.

FREUD, S. **Psicologia de massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1921-2010a.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1905-1996.

GOLDENBERG, R. **Psicologia das massas**: solidão e multidão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, V. R. R. **Adolescentes na contemporaneidade**: desamparo e laços fragilizados em meio aos ideais da sociedade de consumo. Maringá: iPerfil, 2021.

GOMES, V. R. R. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos da imersão no virtual. *In*: JERUSALINSKY, A; BETANTA, H. **Dos primórdios à adolescência**: desafios e perspectivas. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. **A lógica do Fantasma (1966-67)**. Seminário 14. Recife: Centro de estudos freudianos, 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MARCELLI, D. **Adolescência e Psicopatologia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARTINS, R. M. Desamparo e subjetividade: a figura do pai na contemporaneidade. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: http://old.dpi.uem.br/phenix/dissertacoes/PPI-UEM_2009_Rosangela.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021

MATHEUS, T. C. **Ideais na adolescência**: falta (d)e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

MENEZES, L. S. de. **Desamparo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2007.

NASCIMENTO, M. L. V. **O narcisismo contemporâneo**: da barbárie social à tirania íntima. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3063/1/000203017.pdf>. Acesso em 15 jun. 2021.

PINHEIRO, T. N. Sexualidade e morte. *In*: CARDOSO, M. R. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

PRIOSTE, C. **O adolescente e a internet**: laços e embaraços no mundo virtual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2016.

PUERTAS, K. C. P. **Emergência e constituição do ideal do eu em Freud**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010. Disponível em: http://old.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM_2010_KellyPuertas.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

QUINIDOZ, J. M. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTI, P. **Eu e o outro na cidade**: ensaios psicanalíticos sobre sexualidade, consumo, conectividade, família, arte. São Paulo: Zagodoni, 2016.

SAVIETTO, B. B. **Adolescência**: ato e atualidade. Curitiba: Juruá, 2010.

Recebido em: 23/02/2021

Aceito em: 18/06/2021